

T
TORRE
TOMBO

118

1. A LUTA PELA LIBERDADE DE INFORMAÇÃO

A informação que nos fornecem diariamente os jornais, a rádio e a televisão é por natureza uma informação deturpada, que não corresponde à realidade. São prova disso, por exemplo, as notícias sobre o dia 12 de Outubro deste ano, as notícias que o governo lançou quando foi assassinado o colega de Direito, José António Ribeiro Santos e fundamentalmente a deturpação constante das lutas dos trabalhadores portugueses e de todo o mundo.

Foi principalmente por esta razão, por o governo se empenhar em perpetuar o não esclarecimento das pessoas do que se passa e em isolar o mais possível a Universidade (e as lutas que aí se travam) da vida diária do povo português, que os estudantes resolveram tomar nas suas mãos importantes tarefas de informação: dentro da faculdade surgem os jornais de informação estudantil e na rua os estudantes distribuem a sua própria informação à população, informando-a das lutas que se travam na Universidade e desmascarando as mentiras do governo sobre elas. A informação estudantil é assim um primeiro passo para quebrar o isolamento entre os estudantes e as restantes camadas da população; ela garante na Universidade as informações sobre as lutas populares do mesmo modo que garante junto do povo as informações das lutas na Universidade.

A importância crescente da imprensa associativa (comunicados, jornais murais, cartazes, informações orais, etc) levá as autoridades a tentar asfixiá-la nas diversas escolas, quer roubando-nos o aparelho técnico (salas, máquinas, etc) quer coagindo-nos a fazer passar os boletins associativos pela sua censura (como tentaram fazer com o Binómio-jornal dos estudantes do Técnico).

Em 1972 depois do encerramento da Associação (ocupada pela polícia em Maio de 71) o Conselho Escolar empenhou-se em impedir-nos a divulgação de informações e começou, pelas mãos do então director Almeida Costa, a arrancar os cartazes afixados. Imediatamente dezenas de colegas começaram a trabalhar no sentido de garantir uma informação o mais ampla possível para a convocação de uma RGA (1). Utilizam-se todos os meios ao nosso alcance, colocam-se cartazes em balões, enche-se os corredores da faculdade e a avenida das palmeiras de cartazes, etc.

Foi então que, para impedir essa RGA, o director-polícia Almeida Costa chamou para cá os "gorilas". Os "gorilas" eram uma criação recente do MEN (Ministério da Educação Nacional), a "última novidade" em matéria de policiamento da Universidade que aliás já tinha sido introduzida em Direito. Tratava-se de cerca de duas dezenas de ex-fuzileiros e ex-comandos (criminosos de guerra nas colónias, onde se tinham "distinguido" pela sua "produtividade" no assassinio das populações) especialmente treinados pelo MEN para reformarem a Universidade.

Mal entraram em Ciências, os bufos começaram logo a intimidar fisicamente os estudantes, a arrancar cartazes, a roubar comunicados, etc. Nesse dia, toda a gente se recusou espontaneamente a ir às aulas.

A hora da RGA os "gorilas" impediram a entrada dos estudantes para a sala. No entanto, estes deslocaram-se para a av. das palmeiras e realizaram aí a reunião. Ficou decidido realizar nova RGA à tarde no mesmo local.

Quando as pessoas se concentraram à tarde, os "gorilas" de novo procuraram boicotar a reunião e investiram sobre um grupo de colegas. Mas a grande maioria dos presentes não se intimidou e respondeu-lhes violentamente correndo-os à pedrada e à paulada até à rua da escola politécnica.

Inoperantes no boicote à informação e incapazes de impedir as reuniões, não restou então ao director outra alternativa senão dispensá-los; assim os gorilas abandonaram rapidamente a nossa escola.

(1) Esta Reunião geral de Alunos tinha sido convocada para discutir a posição a tomar face à ameaça de processos disciplinares relacionados com o Passos Coelho e o Romeu Ramos, dois dos mais "dedicados" professores da nossa faculdade. O primeiro deles foi expulso da faculdade pelos estudantes (e dele falaremos em pormenor mais adiante). O segundo é um activo colaborador do jornal fascista Frente Universitária e fez parte da comissão administrativa que de 65 a 68 ocupou as instalações da Associação, onde aliás foi descoberto em grandes desvios de fundos.